

## EU, PALAVRA

### **Daiana de Moura**

*Atriz, performer, mestra e doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação da Ufscar-Sorocaba/SP, meusilenciodanca@gmail.com.*

### **Viviane Melo de Mendonça**

*Professora orientadora: Pós-doutorado na Università di Roma La Sapienza; Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Departamento de Ciências Humanas e Educação, campus Sorocaba/SP, viviane@ufscar.br.*

### **Resumo**

Esse texto é uma reflexão sobre a criação afrodiaspórica em encruzilhadas teóricas, artísticas e militantes. A discussão se dá a partir da criação da videoperformance “Eu, Palavra”, processo criativo-obra-reflexão que discorre sobre as problemáticas e inquietações de uma mulher tentando sobreviver enquanto artista militante doutoranda preta no atual contexto. Refletindo sobre a própria biografia como corpo de fronteiras no sentido da teoria da carne (Glória Anzaldúa) através do método da autohistória. Dialogam na tela e na escrita várias imagens, movimentos e impulsos, vida-obra que se transmuta gingando e se esquivando das categorias, dos rótulos. São trazidas para a roda discursiva obras e teorias de mulheres negras fazendo um coro polifônico antirracista, anticapitalista e antipatriarcal. O trabalho que se situa numa encruzilhada, é um movimento de cachoeirar beleza no cotidiano distópico. Arte e teoria como grito, fuga, respiração e cura é o que encontramos nos discursos analisados e colocados em rede.

**Palavras-chave:** Eu, Palavra; Corpo Negro; Arte Afrodiaspórica; Fronteiras; Encruzilhadas.

## Introdução

### 2021 - Tempo de sentir na própria pele

Existem séculos de silêncios nas minhas células  
então agora as palavras vêm aos jorros aos baldes  
eu vivo-sou encachoeirada de palavra  
palavras mágicas, palavras doces  
e infinitudes de palavras foices  
(MOURA, 2021)

**A** cada dia os números aumentam. Imaginar 3.869 mortes. 3.869! Três mil oitocentos e sessenta e nove corpos. Três mil oitocentos e sessenta e nove mortes injustas. Onde caberiam três mil oitocentos e sessenta e nove corpos?<sup>1</sup> Quem conseguiria imaginar esses corpos todos juntos empilhados?

Conheço uma cidade que possui 3.481 habitantes. A quantidade de mortos por covid no Brasil é como se (pouco mais de) uma Jumirim desaparecesse por dia. Como se todos os habitantes dessa cidade morressem no mesmo dia, todos os dias. Diante desse contexto como se faz pesquisa? Como criar sentindo o cheiro de morte no ar?

São as pessoas negras, indígenas e pobres, da classe trabalhadora as mais atingidas. As mais desamparadas pelo estado, as que mais morrem, alvos! Então essa pesquisa é também brutalmente atingida, pois são essas pessoas com as quais dialogo, convivo, crio, sou. A pesquisa em curso inicialmente mapearia e analisaria obras de arte cênicas de mulheres negras em diálogo com seus territórios de arte, educação e militância. A ideia era tecer reflexões sobre as criações afrodiaspóricas em encruzilhadas teóricas, artísticas, militantes e educativas.

Tentando manter um ritmo mínimo de trabalho e estudo, com grau de atenção comprometido – leio uma página de um livro quando viro para a próxima página já não me lembro da primeira, com dores no corpo em virtude do estresse, com o emocional e psicológico abalado por viver 24h a sensação do cerco se fechando e as mortes se

<sup>1</sup> Esse número tragicamente aumentou ao longo dos dias da pandemia de covid-19 no Brasil, índices de mais de 4.000 mortes diárias foram atingidos no mês de abril.

aproximando cada dia mais, familiares dos amigos, amigos dos amigos, vizinhos, conhecidos, alunes da mesma universidade,... Mesmo com acompanhamento psicológico - suporte oferecido pela universidade - a sensação do isolamento, a falta de política pública contra a covid-19 e principalmente o fato de se quer termos previsão de final para esse projeto genocida em curso causam sofrimento, ansiedade, oscilações de humor e bloqueio na escrita (imagino que corpos pretos, corpos trans, lgbt's, indígenas ocupando a universidade estejam vivendo processos similares).

Diante deste triste prólogo, diante dessas dores e sensações de injustiça, revolta, raiva, medo, angústia a saída está sendo FALAR sobre isso de várias maneiras. A palavra tem sido o atravessamento de todas as formas (teoria, poesia, dança, performance, capoeira) de comunicar e produzir reflexões como documentos, registro, manifesto e principalmente fabular caminhos possíveis. Caminhos não de soluções imediatas ou de respostas definitivas, mas de possibilidades de respirar e fazer a manutenção da vida no instante já. “Eu, palavra<sup>2</sup>” é

É um processo criativo-obra-reflexão que discorre sobre as problemáticas e inquietações de uma mulher tentando sobreviver enquanto artista militante doutoranda preta no atual contexto. Refletindo sobre a própria biografia como corpo de fronteiras no sentido de tecer uma teoria da carne, uma teoria de palavra encarnada.

É um processo híbrido, povoado de inquietações em que as linguagens se retroalimentam, se trançam, antropofagicamente se comem. Repetição e sobreposição de imagens-palavras como estratégia teimosa da vida em processo, em luto e luta. É uma insistência na questão da fala e da palavra, a repetição da palavra ‘palavra’ é uma das camadas do processo, e nela me conecto com a resistência e teimosia da arte afrodiásporica, que insistentemente cria reelaborações da experiência do corpo negro. Corpo afrodiáspórico que gesta mundos passíveis de respiração, beleza, bem viver, que inventa alianças, encontros, contatos de afeto positivo, criando um sentido em que a palavra é corporificada, a palavra é carne.

A inspiração que ancora esses trânsitos criativos entre arte, teoria, educação, militância, está nas trajetórias, obras, conceitos e reflexões

---

2 Eu, Palavra. Videoperformance. Criação, Captação e interpretação Daiana Moura. Edição Bruna Machado. Sorocaba: Festival de Artes Híbridas, 2021. (5 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ms8f4RWIWaM>. Acesso em 10 de maio 2021.

de mulheres negras. Audre Lorde (1977) nos convoca sair da zona de silêncio: “Eu ia morrer cedo, tivesse falado ou não. Meus silêncios não tinham me protegido. Tampouco protegerá a vocês”. A autora fala da angústia que a possibilidade e a consciência da própria finitude trazem, a morte é o silêncio final. Assim, reconhecemos que mulheres vivendo na condição de silenciadas são mortas antes do tempo, mortas em vida. Essa máxima de que o silêncio não vai proteger tampouco garantir nossas vidas pretas ecoa na minha pele<sup>3</sup>.

Gloria Anzaldúa (2000) também reverbera na carne ao incitar as mulheres do terceiro mundo a escrever: “Coloque suas tripas no papel”. Essa imagem forte das vísceras constituindo a própria escrita, as tripas das mulheres de cor do terceiro mundo, como a autora situa, são a expressão de uma potência latente que não se concilia com as opressões, com as violências e que sobrevive criando e desejando, buscando vida em plenitude.

Então esta escrita é parte desse movimento de colocar as tripas no papel. Diante do prólogo apresentado, bloqueios criativos constantes, escrever muitas vezes não é possível tampouco ato simples. As palavras fogem, escrevi para uma amiga que vivemos tempos de boca aberta sem voz dentro. Sons de gritos esparsos que não encontram ouvidos, como discute Spivak (2018) a voz subalterna não pode falar, não há quem a ouça.

Essas palavras estão brotando da minha carne. Talvez porque minha consciência se recusa a conviver com esses números e com toda a barbárie que isso representa. Então fabulo. Invento. Quando nenhuma escrita é possível danço. Tento dançar, criar movimentos, repetir gestos, entrar em contato com o som dos tambores ancestrais, berimbaus, pandeiros e assim buscar recobrar a vibração e energia positiva de vida.

Enquanto movo meu corpo respirando fundo (boa parte das vezes ouvindo os ossos estalarem e vencendo as dores musculares) sou capaz de ampliar minha imaginação e sorrir. Achar graça em ritmos, velocidades, desequilíbrios: a dança devolve alegria ao corpo. Crio

3 Nesse contexto pandêmico tudo se evidencia, pessoas negras NÃO estão protegidas em suas casas (as polícias e milícias braços armados do estado são sempre um risco) tampouco seguras na rua ou em espaços públicos (a exposição de trabalhadoras e trabalhadores principalmente na informalidade é um fato ultrajante e tem ceifado muitas vidas).

e repito sequências de capoeira aprendidas com minha Professora Pepe. A capoeira cura – ela vem repetindo nesses tempos. As movimentações de ataque, defesa, o desafio do equilíbrio, a flexibilidade, a expressão, os balanços, a aposta na ginga e na prontidão que libertaram nossa ancestralidade. Foi no músculo, na unha, na pele, vendo o próprio sangue cair que a tecnologia de esperteza do próprio corpo, inspirada na observação da vida, dos animais, das matas, das águas que a liberdade foi sonhada e buscada. Toda essa tecnologia de resistência é acionada, no pequeno espaço da sala da minha casa quando consigo me dispor a gingar e estudar esse tesouro em forma de arte negra. A capoeira e a dança são caminhos de cura, de (auto)conhecimento, de conexão com a ancestralidade e espiritualidade.

Essa discussão introdutória se faz necessária porque essas artes (dança, teatro, poesia, capoeira, samba de roda, puxada de rede, etc) são o modo que escolhi – ou fui escolhida – para me EDUCAR contra a barbárie. São fortalecimento, encantamento e engajamento com o conhecimento produzido e deixado como legado para nós descendentes das populações afrodiaspóricas e indígenas. Meu modo de não mais contornar a dor, mas de olhá-la nos olhos, de vivê-la, de senti-la. É assim que sou capaz de encarar a realidade concreta desse país. A arte é meu *modus operandi*, meu óculos, minha lente. Através dela é possível transformar a dor e a opressão em linguagem e ação, novamente evocando Audre Lorde (1977). Essa é a minha teoria da carne, brotada da autohistória em curso, em incerteza, em luto e luta.

Assim o desafio se apresenta: em 2021, tempo de sentir na própria pele, como traduzir esses movimentos em trabalho acadêmico? Como discutir a língua da arte na língua da academia? Como ativar a palavra transformadora em tempo de tanta desesperança? Como e o que dizer-dançar-escrever? É possível traduzir essas forças e o modo como operam sendo agentes de educação e engajamento? É preciso fazer essa tradução? Como a língua acadêmica pode contribuir com esses movimentos e vice-versa?

### **Viandante utópica em coletivida - metodologia e referencial teórico**

Quem segura a força da cachoeira à meia noite na lua cheia? Quem guarda as gotículas que nascem da violência com que a água arrebatava as pedras? As palavras gritam para não serem mais aprisionadas, a

vida-obra se transmuta gingando e se esquivando dos nomes, das categorias, das caixas. Arte como grito, fuga e cura. Corpo nuvem sem nome utopia de plurais. (MOURA, 2021)

O texto acima é parte da dramaturgia do solo “Eu, Palavra”. A videoperformance nasceu de uma série de inquietações e contatos, dos respiros e encontros possíveis nesse contexto pandêmico. Um texto-poema, parto ansioso, apavorado que saiu dos rasgos da pele, saiu em afogadilho. Nasceu um dia depois que alguns improvisos em casa me levaram a dançar na cachoeira: encontro/contato eu-casa, eu-água, eu-pedra, eu-palavra. Todos os arquivos foram salvos numa pasta (fotos, vídeos, palavras digitalizadas) e enviados para uma amiga artista, muito sensível e habilidosa com as edições de imagens... Ela pediu que um áudio fosse gravado fazendo a leitura desse texto, essa gravação se tornou trilha, dramaturgia e base do trabalho audiovisual. É uma metodologia bastante caótica, híbrida e viandante. As coisas se deixam nascer, se permitem derivar por um tempo, se permitem devanear<sup>4</sup> sem saber exatamente como chegarão a se constituir como obra. O olhar de fora, o olhar da outra é que deu forma às ideias. O olhar dela auxiliou a observação das ações e ordenou os materiais-arquivos. A edição é um trabalho sobre o trabalho, é uma dança que corporifica, o processo é verdadeiramente uma criação colaborativa. O olhar atento, sensível e carinhoso da amiga videomaker Bruna Machado foi certo. Ela definiu o próprio processo criativo como: “a vivência de uma angústia com esperança<sup>5</sup>”. Como cito no início deste tópico: Arte como grito, fuga e cura. Corpo nuvem sem nome. Utopia de plurais. Este corpo nuvem assim se fabula, se sutaliza, se anuveia por uma urgência de fuga de categorizações e mensurações do corpo preto. Se des-organiza em uma sequência de cinco minutos de sobreposições de imagens-textos dançantes sequenciadas pela Bruna. A ideia das

4 Os devaneios que seguem emergindo desse processo são um enfrentamento à categorização. Os devaneios, delírios, sonhos são oposição à rigidez da estereotipização dos corpos negros. Devaneio como um manifesto do processo pelo direito de sonhar e imaginar livremente, por um corpo que deseja voar livre de pesadas amarras históricas e sociais.

5 Expressão de Bruna Machado (atriz, videomaker e cineasta) sobre seu envolvimento com esse processo criativo-obra-reflexão.

linguagens que se comem e não se definem está na forma-conteúdo mastigada, deglutida.

Importa salientar que a presente reflexão não se projeta como teorização do processo a posteriori: o processo em si é a teoria, a teoria da carne!

Uma teoria-poesia-rito-performance que se deu a ser no mundo no instante em que o corpo foi convocado pela própria casa e pela cachoeira do Chá em Piedade a ser parte da dança cósmica<sup>6</sup>, ao aceitar o convite e deixar-se tocar pelas paredes, pelas águas, pelas palavras, ao devanear esse corpo teoriza. Pensa dançando, dança pensando. A sistematização do corpo eu-palavra não é apreensível em um determinado tempo, em uma determinada matéria-papel é um continuum, que nasce-renasce.

Isso é um devaneio proposital, mesmo quando digo que não tem proposta a proposta é se deixar devanear até romper com toda lógica de algum motivo que possa segurar, que possa estancar isso tudo que está correndo pelas minhas veias-pensamentos. Quem segura a força da cachoeira à meia noite na lua cheia? Quem guarda as gotículas que nascem da violência com que a água arrebatada as pedras? (MOURA, 2021)

Anzaldúa (2000), Lorde (2020), Mendonça (2020), Nascimento (1989) são teóricas que partem das próprias experiências para organizar um legado, um pensamento feminista – vários olhares, perspectivas e vertentes que me dão escopo para observar os desafios que colocados e investir em uma metodologia de entrelaçamento, de hibridismos, de antropofagia das linguagens. A inspiração nas experiências das autoras citadas também diz respeito a uma busca por analisar as criações artísticas desse território brasileiro, mais precisamente no interior de São Paulo. Cada uma dessas pensadoras se destaca por desenvolver análises profundas sobre o próprio chão, são teorias corporificadas e localizadas. Verdadeiras escritas de corpos de

6 Cito dança cósmica no sentido da provocação de Ailton Krenak: “A vida, por ser esse dom tão indescritível, incontível, não poderia ser recebida de outra maneira, senão com contentamento, alegria... uma resposta criativa para o sentido de uma dança cósmica. Se você fosse chamado para uma dança cósmica, você ficaria cabisbaixo, ou você sairia saltitante?” (KRENAK, 2021)

mulheres em manifesto refletindo e lutando por direitos, melhorias e vida plena em seu próprio território, entendendo o próprio corpo também como território de luta e disputa.

Fabulo a criação de uma metodologia que busca não necessariamente traduzir artes negras em processos acadêmicos, mas de viver a arte em si como um método também de sistematização e produção de conhecimento, o que não configura inovação, mas sim conexão com os saberes dos povos afrodiáspóricos e indígenas. Saber que é encarnado, corporificado, advento da experiência, do viver em comunidade. As experiências significativas de processos que estão para além da obra de arte e além da discussão acadêmica, são processos que me instrumentalizam para ser uma viandante inspirada nessas vozes e ancorada nesses saberes.

Viandante utópica em coletivida<sup>7</sup> é como tenho visto a minha experiência, evocada aqui como autohistória sempre em convergência e conexão com outras histórias e criações de corpos afrodiáspóricos. Viandança é uma expressão muito cara, fala da vida nos trânsitos por lugares, ruas, espaços, territórios internos e externos. É o movimento errante e incerto desta metodologia da carne, é observação e escuta, é a pele arrepiada captando as vibrações e intensidades das obras afrodiáspóricas. Ampliação do campo sutil, sensorial e cognitivo. É recepção e intuição ativa, desejo de conhecer. Disposição e proatividade. Entrega profunda à arte capaz de transformar e transmutar. É a síntese de movimentos de vida, em resumo texto-corpo em viandança.

“Subjetividade é tudo o que se passa em nós (memórias, percepção, pensamentos, sensações) e que é constituída e nos constitui como linguagem, como um texto. Um texto é a materialidade de uma subjetividade. O texto nunca é individual, ele é polifônico, sempre singular-coletivo, porque muitas vozes estão presentes nele. Um texto é coletividade. É o mundo” (MENDONÇA, 2020, p. 08).

A utopia da vida em coletivo, a coletivida é a percepção que tenho do mergulho e rigor das pesquisas feministas. A proposta radical de transformar as vidas das mulheres negras lampeja aqui

7 Digitei a palavra coletividade errada, faltando a última sílaba. Abracei o erro ao ler e entender o sentido profundo que a falha trouxe ao termo. Coletividade virou coletivida, a palavra diz exatamente do sentido que estava intencionando descrever.



como farol. Escolhi a vida em rede, a criação em coletivo (ou fui escolhida). Os coletivos, grupos, cias, redes, que integrei e integro (como Cia. Teatro de Fulô, Nativos Terra Rasgada, Coletivo Nonada, Coletivo Cê, Caçadores de Tatu, Interpretas, Plataforma de Pesquisas Cunhantã, Mulheres de Utopias, NEGDS, Mulheres e Luta, Mulher em Perspectiva) foram/são fundamentais para toda e qualquer ação criativa. É a produção nesses (e desses) espaços que tem dado sustância, sentido e significado à vida. É o tutano, como diria minha avó, o texto da vida é a coletividade. Viver cercada de artistas, sobretudo mulheres, podendo compartilhar, inventando novos modos de ser, criar e agir (principalmente cuidando e pensando estrategicamente nesse momento pandêmico), ressignificando a alimentação, a relação com o consumo, com o corpo, com as leituras e estudos, com o próprio movimento, com a própria história, com a vida, com os seres humanos e não humanos.

Esses coletivos me conectam com outras histórias, ao mesmo tempo em que me trazem de volta a mim mesma. É um movimento constante, continuum. É um dentro fora, é busca de conhecimento e autoconhecimento. Nos momentos em que me vejo como criadora, viandante utópica e consigo fazer arte brotar, sinto a expressão de todos esses coletivos através de mim também. Sinto a terra fértil rasgando, me abrindo para dar passagem às sementes de muitas vozes.

Registro aqui uma frase de Larissa Alves, atriz, arte-educadora também integrante da rede Interpretas<sup>8</sup>, em um dos encontros virtuais em que várias estávamos com inúmeras fragilidades e vulnerabilidades latentes, Larissa nos presenteou com a ideia de nos abraçarmos, cada uma na sua casa, e assim receber o abraço de todas. Abraçar o próprio corpo sentindo a outra, presentificar o cheiro, a textura, o calor do abraço. “... sempre que você se abraçar eu estarei te abraçando!”. Mesmo em isolamento, mesmo sozinhas jamais desacompanhadas. Esse é o viver a coletividade de mulheres na carne.

---

8 Rede interestadual que faço parte. Interpretas surgiu durante a pandemia para servir de oásis, espaço de cuidado, trocas e respiro entre mulheres negras de várias áreas tendo em comum desejo de aprofundar conhecimentos em referenciais negros.

## Resultados e discussão

... Temos que viver em comunhão  
Pensar no que é melhor para todos  
Mesmo se contraria uma opinião  
Quem anda dividindo enfraquece  
Pois a força, ela vem da união  
Uma abelha sozinha é presa fácil  
Mas um enxame enfrenta até um leão  
Não faz não, não faz não  
Uma andorinha só não faz verão<sup>9</sup>

Em resumo essa é uma pesquisa qualitativa interdisciplinar (arte, educação, militância, feminismos, relações étnico-raciais). Com aporte de referencial teórico de autoras, sobretudo negras, que tecem teorias encarnadas e localizadas. Escritas consideradas manifestos, lutas por direitos e vida plena, análises de artes em território afrodiásporico, entendendo o próprio corpo também como território de luta e disputa. Diante dos processos e inquietações apresentados, entendemos por bem a provocação de chamar de resultados as questões ligadas ao movimento e à busca por emancipação. O direito do corpo nuvem sem nome, que se movimenta, se acopla, se ancora, se inspira em outras, cria a própria utopia de ser plural, fugindo das categorizações e rótulos que são lugar comum e estereotipado do corpo preto feminino nas artes. O resultado possível é entender o continuum desse processo e comunicar a observação da potência que ele possui, entendendo que as pistas de respostas para as perguntas e desafios iniciais estão na ideia de viandança utópica em coletividade que discutimos.

Não nos caberia costurar nessa conversa lugares de chegada. Como já dito o que nos movimenta é a viandança. No entanto, ao longo do caminho percorrido, é possível ver o quanto de enfrentamento existe ao ver-viver-sentir as teorias encarnadas e buscar manifestar na própria pele, é o processo ético, rigoroso e desafiador da teoria-prática se fazendo na pesquisa. É um processo inicial (e sempre será) de uma

<sup>9</sup> Música cantada nas aulas de capoeira pela Professora Pepe, a canção é uma composição do professor Pitoco, do grupo Cordão de Ouro.

busca metodologica coerente e potente, através da experiência e da autohistória. Os diálogos da criação da videoperformance “Eu, Palavra”, processo criativo-obra-reflexão como mote para traçar e trançar ideias sobre a criação afrodiaspórica em encruzilhadas teóricas, artísticas e militantes estão gingando com as demandas do atual contexto, portanto localizar essa pesquisa no espaço tempo é falar dos corpos alvos empilhados, é falar do choque da morte e do luto, principalmente das lutas estratégicas por sobrevivência e vida em plenitude.

Estamos nos esquivando da doença, da bala, da morte, estamos hoje como no passado estiveram nossas ancestrais em permanente resistência, arte-educação-militância-vida dançam sempre juntas de modo que não sabemos onde começa uma e termina outra. Neste ponto do trabalho é necessário evocar a força dos estudos da professora Leda Maria Martins “a cultura negra é uma cultura de encruzilhadas (MARTINS, 1997). Estamos dançando nessas camadas de cenas sobrepostas, trançadas e hibridizadas, é a encruzilhada.

Seguimos colocando uma lupa na arte, vendo o quanto os reflexos que dela partem povoam as esferas da vida de modo transformador e emancipatório. Nessa roda discursiva entendemos a fundamental importância das que vieram antes de nós, e cantamos juntas em um coro polifônico antirracista, anticapitalista e antipatriarcal que vem trançando os tempos passado e presente, fabulando futuros. Arte e teoria como grito, fuga, respiração e cura é o que encontramos nessas vozes colocadas em rede. São as tripas colocadas no papel (ANZALDÚA, 2000).

Figura 1 - Videoperformance Eu, Palavra. 2021.



Figura 2 - Videoperformance Eu, Palavra. 2021.



## Considerações finais

Finalizamos essa reflexão trazendo o texto final da vídeoperformance Eu, Palavra:

Batendo ervas nestas palavras eu as curei. E me curo com elas, por que elas são esse ritmo incessante que faz vibrar meus cabelos, faz eriçar os pelos e expandir o pensamento, o que alguns chamam de dança eu chamo palavra. O que nomearam coreografia digo que é minha escrita! Em afogado desespero, lembrando as bandejas e bandejas de mortos recebidos pela terra, duzentos e quarenta e seis mil e

quinhentos e quatro corpos empilhados em bandejas etéreas contam sobre esse tempo e sobre a urgência de cura. A não proposta que defendo aqui é da utopia. Da utopia da vida.

É do intenso sonho da minha bisa que no ontem histórico imaginou uma parte sua vivendo numa casa, com teto, com porta e umas painéis onde fosse possível cozinhar feijões e pimentões que exalasse o aroma que faziam roncar o estômago vazio dela. Então eu sou um sonho ambulante e farto. Sou um samba tristalegre que exala ervas maceradas criando nuvens onde mulheres e bixas e travas e crianças pretas podem sorrir.

Eu sou essa nuvem sem nome, sem tempo, sem parada.

Não posso deixar que me nomeiem apenas mulher. Apenas negra. Não posso deixar que me apontem como aquela bolsista que já começa atrasada, que nunca chega e que só tenta, pois nada disso fui-sou-serei!

Como nuvem-poça-água não há mãos-vozes capazes de produzir meu nome, agora mesmo já não sou mais o que disse no início dessa não proposta que já tem agora um outro objetivo de não me permitir nomeação alguma.

Não repitam meu nome porque ele não me cabe mais, eu sou agora Desvanecida Nuvem, e Desvanecida dança e canta, habita agora (mas não sempre) esse não lugar transparente.

Obs. Toda vez que a palavra eu for lida entenda multidão. Toda vez que repito eu, entenda elas. Muitas. Utopias em plurais...

## Referências

ANZALDÚA, Glória. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Revistas Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1. sem. 2000, pp. 233 – 240.

ASSUMPÇÃO, Itamar. **Petrobrás: Porque que eu não pensei nisso antes...** São Paulo: Atracção Fonográfica, 1998, CD.

LORDE, A. **A Transformação do silêncio em linguagem**. Pub. original 1977. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/>>. Acesso em 25 de março 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória – O Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MENDONÇA, Viviane. **Um dia você vai sentir na própria carne: afeto, memória, gênero, sexualidade**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **ORI**. Dirigido por GERBER, Raquel. Roteiro Beatriz Nascimento; Música Naná Vasconcelos. Documentário. Produção: Brasil. 93min, 1989.

RATTS, A. **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.

RATTS, A.; RIOS, F. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018.

KRENAK, Ailton. Programa Roda Vida. São Paulo: TV Cultura. 19 DE Abril de 2021. Programa de TV.